

## **O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO DO PROFESSOR ACERCA DA SEXUALIDADE E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Andreza Marques de Castro Leão; Carina Dantas de Oliveira; Kelly Garbuio. Faculdade de Ciências e Letras- Unesp. NUSEX- Núcleo de Estudos da Sexualidade. *1- Formação inicial e continuada de professores para a educação básica*. Agência de fomento: Fapesp. E-mail: andreza\_leao@yahoo.com.br

### **INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA**

A Educação Infantil, que compreende a faixa etária de zero a seis anos, se consolidou como direito a partir de movimentos da sociedade como um todo, reconhecido na Constituição Federal de 1998, nos artigos 205 e 206, e destacada em 1990 no Estatuto da Criança e do adolescente.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB 9394/1996- (BRASIL, 1996) coloca a educação Infantil como uma forma de estimular as crianças pedagogicamente através de atividades lúdicas e jogos, a fim de que suas capacidades motoras sejam exercidas, e novas descobertas possam ser vivenciadas e incorporadas por elas.

Esta LDB expressa também no seu artigo 29 o alcance esperado por esta etapa no desenvolvimento da criança, colocando que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social completando a ação da família e da comunidade.

Essa descrição deixa clara a necessidade deste processo ocorrer de maneira integrada e global, bem como, que o professor possa ser aquele que proporciona tais vivências, acompanhando e amparando o desenvolvimento da criança no contexto escolar.

De acordo com Kishimoto (1997), a dimensão da criança está sempre presente, sobretudo quando se analisam os brinquedos e brincadeiras. A autora elucida que o brinquedo é o suporte da brincadeira, sendo esta a ação que a criança desempenha ao mergulhar na ação lúdica.

Quanto aos brinquedos, os Referenciais Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27), um importante documento da Educação Infantil, apregoa que o educar abarca brincadeiras e aprendizagens de forma integrada. Assim sendo, a brincadeira é importante, pois “[...] favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa”.

Outro assunto contemplado nestes referenciais é acerca do papel do professor, uma vez que é imprescindível, porquanto ele que organiza, direciona e planeja os objetos e brinquedos que serão oferecidos às crianças, bem como arranja e ordena os espaços e o tempo para as crianças brincarem.

Do mesmo modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), colocam como aspecto essencial que o professor da educação infantil apresente “competência polivalente”, isto é, que saiba trabalhar conteúdos de natureza diversa, abrangendo desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos de diversas áreas de conhecimento. Tal característica exige também uma formação ampla do profissional, que deve a todo o momento refletir sua prática, debater com seus pares, dialogar com as famílias e comunidade sempre buscando novas informações. Além de compreender, conhecer e reconhecer as crianças e suas atitudes no dia a dia.

A pedagogia da educação infantil aponta que o brincar é uma das formas mais legítimas da criança introjetar conhecimentos e realizar vivências. O brincar é a forma que a criança usa para atribuir novos significados aos elementos da realidade que a cerca. Para os PCN “[...] toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade, anteriormente vivenciada” (BRASIL, 1997, p. 27).

A brincadeira favorece a auto-estima das crianças, fazendo com que as mesmas recriem e repensem os acontecimentos que lhe deram origem. É também importante para o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, físico e social das mesmas (FROEBEL citado por KISHIMOTO, 1997). Outrossim, é uma forma explícita dos profissionais conhecerem a realidade que essas crianças estão inseridas, bem como as informações que a família passa no cotidiano para a criança.

Conforme frisa os Referenciais Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), é relevante e necessário o oferecimento de brinquedos às crianças, principalmente porque por meio das brincadeiras é possível observar os processos de desenvolvimento infantil, registrando suas capacidades sociais, lingüísticas, afetivas e emocionais.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), através do brincar a criança desempenha papéis e imitam os adultos que para elas são referências. Para Kishimoto (1997), o brinquedo coloca a criança na presença de reproduções, sendo um dos seus objetivos dar à ela um substituto dos objetos reais de maneira que possa manipulá-los.

Posto isso, compete ao professor ter uma visão do contexto que esta criança está inserida e quais informações estão assimilando, cabendo a ele empregar brinquedos e brincadeiras que estejam em consonância com as diretrizes e objetivos da educação infantil (BRASIL, 1997).

Outra questão importante do educador estar atento é quanto a temática da sexualidade, porquanto ganha legitimidade de ser abarcada no ambiente escolar com os PCN.

Os PCN enfatizam que a escola deve tratar da sexualidade por ser um elemento fundamental à vida dos indivíduos em sociedade. Eles argumentam que a escola tem a

função de educar os alunos para o exercício da participação consciente em sociedade, porquanto a cidadania é o intento da educação (LEÃO, REZENDE, RIBEIRO, 2008). De fato, conforme expõe Nunes e Silva (1999, p. 169) “[...] a sexualidade é uma dimensão humana, que não pode jamais ser negada ou anulada sem deixar seqüelas éticas e privações existenciais [...]”.

Os PCN ao discorrerem sobre o tema transversal orientação sexual explanam que ele visa problematizar, levantar questionamentos e alargar o conhecimento dos alunos a fim de que eles possam fazer suas escolhas (BRASIL, 1997).

Para uma intervenção com a criança, reforçamos as idéias de Maia (2004, p. 169), de que “a orientação sexual pode ser desastrosa se os educadores estiverem despreparados ou forem incapazes de lidar de modo adequado com sua própria sexualidade, ou se os programas forem inadequados em seus métodos ou conteúdos”. A autora prossegue expondo que “[...] um dos grandes problemas da implementação de programas de orientação sexual nas escolas é que os professores, além de despreparados, têm valores preconcebidos, irrefletidos” (MAIA, 2004, p. 174).

Assim, a fim de implementar a orientação sexual, é preciso que os educadores sejam instrumentalizados, isto é, que tenham acesso a uma formação que possibilite o repensar de seus conceitos, valores e atitudes concernentes à sexualidade (LEÃO, 2009). Além disso, que esta formação instigue à reflexão, a crítica, sobretudo, a responsabilidade que lhes cabe de abarcar a sexualidade no contexto de sala de aula.

Portanto, é preciso em primeiro lugar que eles possam “[...] escandir os apelos de controle e dominação, normatividade repressiva e arbitrariedades históricas calcadas no preconceito e na negação do desejo e afetividade.” (NUNES; SILVA, 1999, p. 167). O autor complementa dizendo que a abordagem da sexualidade exige uma superação do senso comum e das noções que são reproduzidas e internalizadas pelos sujeitos.

Os referidos autores salientam que a orientação sexual evidencia a necessidade do educador de passar por um processo de reeducação sexual, porquanto “[...] só transmitimos com segurança aqueles conceitos e valores que nos convencem” (NUNES; SILVA, 1999, p. 165). Dessa forma, como lembra Maia (2004, p. 171), para falar de sexualidade é preciso que o educador “[...] tenha uma atitude positiva e sadia em relação a sua própria sexualidade”.

Com efeito, o intuito é que a formação dos professores possa apresentar informações científicas e atualizadas dos distintos e pertinentes temas da sexualidade, tais como: relacionamentos afetivos, diversidade e homossexualidade, abuso sexual, gravidez na adolescência e aborto, métodos contraceptivos, DSTs e AIDS, relações de gênero, entre outros, de maneira que os educadores possam superar o senso comum,

que insiste em se perpetuar nas distintas instâncias sociais, entre elas, no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, Nunes e Silva (1999, p. 165) explicam que

a sexualidade é uma dimensão humana fundamentalmente constituída a partir das relações que empreendemos com o mundo natural e a cultura, desde suas matrizes institucionais presentes na família e em todas as expressões da sociedade.

Do mesmo modo, é imprescindível se articular dentro desta abordagem a questão de gênero. Para Souza (2006), o conceito de gênero também está ligado à história, porém do movimento feminista. Conforme a autora esclarece, “[...] o gênero é entendido como uma construção social, histórica e cultural [...]”. Enfim, importante de ser compreendida pelos educadores.

Nunes e Silva (2000) argumentam que a educação sexual deve buscar a identificação dos estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos, de modo que possam ser superados. Ademais, objetiva educar para “a compreensão significativa e igualitária da identidade de gênero, de modo a representar homens e mulheres, masculino e feminino, como formas psichistóricas da condição humana, iguais em sua potencialidade de hominização e humanização [...]” (p. 71).

Os estudos de Scott (1995) contribuem para elucidar que, quando se reflete a respeito dos papéis femininos e masculinos na sociedade, não se está colocando em oposição homens e mulheres, porém aprofundando-se a necessidade de desconstruir a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, na direção de uma igualdade política e social, que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça.

O professor reproduz na ação pedagógica tais estereótipos, e geralmente ele o faz de forma despercebida. Um exemplo disso é que no oferecimento às crianças da educação infantil de brinquedos, comumente as bonecas são direcionadas às meninas, enquanto que os carrinhos aos meninos. Do mesmo modo, há um tratamento desigual quando as crianças expõem seus sentimentos, pois os meninos são repreendidos quando choram já as meninas ganham colo, são acalentadas.

Em linhas gerais, é preciso que o educador tenha consciência da influência que exerce na perpetuação destes estereótipos historicamente produzidos, e da possibilidade de sobrepujá-los a partir de uma postura mais crítica e reflexiva no contexto de sala de aula.

Posto isto, cabe aqui algumas indagações: Uma vez que os cursos de formação de professores geralmente não abrangem a sexualidade, como acreditar na concretização da orientação sexual com professores despreparados? Pensando nos

professores que já atuam, como prover-lhes tal preparo? Como instigar nos professores a atenção que é preciso a esta temática?

Refletindo sobre essa prática o presente trabalho tem como finalidade pesquisar como os professores da educação infantil percebem o brincar em relação às identidades<sup>1</sup> sexuais e de gênero. Dentro disso, abranger a história da sexualidade e a questão de gênero, buscando instigar nos educadores o interesse por estes assuntos, e, sobretudo, o repensar dos mesmos quanto à visão que apresentam no que tange a tais assuntos.

### **OBJETIVO**

Identificar o que os professores de Educação infantil compreendem pelo brincar, a fim de averiguar a existência, ou não, de estigmas sexistas que perpassam as práticas pedagógicas.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- \* Contribuir para que os educadores possam refletir sobre o tema da sexualidade visando desconstruir idéias arraigadas e cristalizadas;
- \* Enfatizar a importância da abordagem deste tema no ambiente escolar;
- \* Despertar o interesse dos mesmos em se preparar para lidar com a orientação sexual.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### Participantes

Participaram da presente pesquisa seis professoras do sexo feminino, com faixa etária entre 28 e 40 anos, que atuam numa Escola Municipal de Educação Infantil.

#### Local

A pesquisa foi realizada nas dependências de uma escola de periferia da cidade de São Carlos, localizada no interior do Estado de São Paulo.

#### Instrumentos

Os instrumentos empregados foram: brinquedos diversos, tal como bola, boneca, entre outros; um gravador; uma fita cassete; material de multi- mídia para exibição da oficina.

#### Procedimentos de coleta dos dados

Inicialmente foi realizado contato com a Secretária de Educação da referida cidade, a fim de expor os objetivos do presente estudo e solicitar a anuência para sua realização. Por solicitação da secretaria, encaminhamos um documento por escrito para solicitar a

---

autorização, buscando, neste, destacar a relevância do estudo e suas contribuições no aprimoramento profissional dos docentes.

Após a anuência, a oficina foi oferecida num dia agendado pela secretaria, no horário de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Complementar), das professoras, em uma escola previamente escolhida por ela. Esta oficina teve a duração de duas horas.

Em relação à oficina em si, inicialmente apresentamos uma breve explanação do intuito da oficina às participantes, buscando dentro disso averiguar suas expectativas. Salientamos que a escolha da sala de brinquedos, estava relacionada a atividade que seria desenvolvida com elas.

Como ponto de partida lemos o poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu. Feito isso, explanamos que o intuito da primeira atividade era resgatar a infância das mesmas, porquanto na prática pedagógica as vivências que tiveram na infância vêm à tona de forma explícita ou velada, o que pode interferir na forma como vêm o brincar dos alunos.

Em seguida, foi solicitado que escolhessem um brinquedo da sala que mais a representassem. Neste momento uma música foi deixada ao fundo, de maneira que elas pudessem ficar à vontade e descontraídas. No final da canção, solicitamos que cada uma explicasse o porquê de sua escolha. As professoras no início da atividade ficaram tímidas, mas aos poucos foram participando.

#### Procedimentos de análise dos dados

Efetuada a coleta dos dados, os resultados obtidos nas fitas foram transcritos, sendo após analisados descritivamente.

### **DESENVOLVIMENTO**

De posse das falas das participantes podemos verificar que o brincar teve um significado importante para o desenvolvimento de cada uma, trazendo recordações necessárias para o desempenho de suas práticas pedagógicas. Segundo elas, o oferecimento do brinquedo às crianças visa contribuir para o desenvolvimento delas.

Com efeito, o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. Para Arce (2004), a brincadeira desenvolve as características humanas nas crianças, auxiliando-as a encontrarem e a desempenharem desde cedo o papel que lhes cabe na sociedade.

As participantes fizeram menção a importância do brincar durante sua infância. Conforme expõe a participante Aline (Cabe comentar que o nome das participantes foi alterado a fim de resguardar a identidade das mesmas): Eu sempre morei num beco... eu sempre brinquei na rua misturada com meninos todos brincavam de futebol e de boneca.

A professora Aline elucidou ainda que ela não vê diferença entre os brinquedos, sendo possível os meninos e as meninas brincarem com eles sem distinção.

Essa fala vem de encontro com os objetivos do PCN da educação Infantil, apontando o papel dos professores, que devem ter uma postura de igualdade e respeito entre pessoas de sexos diferentes, proporcionando as crianças oportunidades de experimentar ambos os papéis na suas atitudes e brincadeiras do dia a dia. Segundo os PCN, isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com a criança, padrões estereotipados quanto aos papéis de homem e mulher.

A participante Heloísa complementou dizendo:

aproveitando a fala dela, também escolhi o boné porque eu tive um pouco disso eu era muito molecona, até algumas vezes me confundiam com menino e até algumas pessoas falavam... mais me lembra muito de uma infância muito vivida muita liberdade.

A partir dessa fala percebe-se que a sociedade atribui a brincadeiras de crianças papéis e objetos determinados para meninos e meninas e que com o passar do tempo, se não confrontados, serão assimilados e aceitos como verdadeiros, indiscutíveis e necessários para a sociedade.

Foucault (1986, p.114) discute a questão do discurso de quem fala como um meio singular de passar conteúdos relacionados às questões de sexualidade cita que "... [não há] enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências.

Dessa maneira, é imprescindível o professor perceber que suas falas exercem influência sobre as crianças. Assim, quando ele diz: "Este brinquedo é de menina, e não de menino", está contribuindo para a perpetuação dos estigmas, como se somente meninas pudessem brincar de boneca e meninos de bola.

No mais, as participantes relataram que as crianças trazem de casa um modelo onde os papéis desempenhados por homem e mulher são claramente pré-definidos e pré-estabelecidos. Elas comentam também que no início do ano é comum as crianças referirem: "isso é de menino", ou "isso é de menina". Para elas, as crianças trazem de casa as distinções dos papéis de gênero, sendo que desde tenra idade estão expostas a este aprendizado.

Contudo, elas expressaram que com o passar do ano letivo, e, sobretudo, com as contribuições dos professores, as crianças começam a se relacionar diferente com questões de menino e menina, participando conjuntamente das brincadeiras de casinha, de bola, entre outros. Como uma das participantes, Patrícia, mencionou: “ao longo do ano letivo, começa a ficar natural os meninos brincarem de boneca na escola para eles fica mais natural”.

De acordo com estas participantes, os professores contribuem para romper com a perpetuação dos estigmas sexistas, sendo agentes da transformação no contexto escolar.

Outrossim, quando indagadas acerca do trabalho da sexualidade em si, se abrangem este tema com as crianças, as professoras relataram as dificuldades de relacionar este tema aos conteúdos já tratados em aula, argumentando que a escola faz “a sua parte” ( Aline). Porém, responsabilizaram a família pelos estigmas sexistas, comentando que as “crianças vivenciam outro ambiente, e que muitos pais brigam quando seus filhos se identificam com brinquedos e brincadeiras considerados do sexo oposto”- Heloísa

Parece contraditório o discurso das participantes, pois embora elas considerem que podem contribuir para romper com a perpetuação dos estigmas sexistas, elas se limitam a ações ocasionais em sexualidade. A escola de fato não tem feito sua parte, porquanto a sexualidade não está presente nos conteúdos escolares. Em nenhum momento elas percebem que compete a elas este trabalho. Estes resultados são semelhantes ao encontrados no estudo de Leão (2009).

Por esta razão, buscou-se frisar com elas a importância da temática da sexualidade na formação dos alunos, visto que de forma direta ou indireta são orientadores sexuais, contribuindo ou não para terem acesso ao conhecimento científico nesta temática. De acordo com elas, falta preparo para saberem como abordar este assunto, trazê-lo a pauta em sala de aula, apesar de terem vontade para tanto.

No mais, a participante Maria relatou que

em uma atividade livre, pedi para as crianças recortarem, em revistas, uma figura que eles se identificassem, o menino recortou a foto de uma criança do sexo feminino. Eu entendi que ele se identificou com a atividade que a criança estava fazendo, normal, natural...mas a mãe, ficou muito brava quando viu o trabalho e soltou a frase: logo ele que é todo machinho, escolheu uma menina !... precisei explicar objetivo do trabalho para a mãe.

Percebemos a importância dos professores atentarem para as brincadeiras coletivas e os brinquedos oferecidos aos alunos. É o adulto, na figura do professor que na Instituição escolar ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças.



Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar.

Reitera-se que compete a este profissional ser polivalente, ou seja, ele deve não somente ter uma formação ampla, mas sim se tornar um aprendiz, refletindo constantemente sua prática pedagógica, debatendo com seus pares.

Em suma, a partir do exposto, vimos na formação continuada em serviço uma possibilidade de prepará-las para abordar a sexualidade no contexto de sala de aula. Assim, seria interessante que esta formação principia-se pela exposição da história da sexualidade, visto que como alega Leão (2009), para que possamos compreender como se processou a introdução do tema da sexualidade humana no cenário escolar é mister explicitar os fatores históricos que contribuíram para a problematização deste tema ao longo dos séculos. E dentro disso, seria imprescindível se trabalhar as questões de gênero, sem as quais o trabalho de orientação sexual é ineficaz.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Frente ao exposto, é necessário frisar a relevância do brincar ao desenvolvimento infantil, desvendando que não é somente uma atividade cotidiana e corriqueira infantil, mas sim, uma atividade que instiga o desenvolvimento corporal, motor, cognitivo, sensorial, devendo, por conseguinte, ser empregado pelos professores como ferramenta educacional de forma a se propiciar as crianças uma educação de melhor qualidade.

Neste sentido, é imprescindível que o professor tenha consciência da importância das brincadeiras e de seu papel, de modo que a partir disso se oportunize as crianças brinquedos, e organizem relações em que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, de forma a propiciar às crianças a possibilidade de escolherem objetos e de explorá-los sem serem discriminados ou censurados.

As participantes salientaram a importância do brincar, mencionado que o brinquedo é um importante instrumento pedagógico, tendo sido importante na infância das mesmas. Elas relataram que o professor deve deixar os alunos à vontade para escolher seus brinquedos.

Para elas, os preconceitos sexistas e as divisões de brinquedos de meninos e meninas não são feitos pelos professores, e sim pela família, a qual educa sexualmente às crianças. Em vista disso, argumentaram que os professores receiam oferecer às meninas brinquedos mais voltados aos meninos como bolas, pipas, entre outros, sendo que o mesmo pode ser dito em relação aos meninos.

No entanto, uma vez que a sexualidade pode ser tratada oficialmente pela escola, tendo respaldo dos PCN, este profissional deve se ater ao seu papel de orientador

sexual, e não impedir as escolhas das crianças, pois se o fizer está cooperando em prol da perpetuação dos mitos, tabus e preconceitos sexistas.

Em linhas gerais, esta oficina buscou oportunizar aos professores um espaço de reflexão da necessidade do trato da sexualidade na escola, enfatizando a carência dos alunos de terem um espaço aberto e acolhedor para isso. Em suma, observamos o interesse das participantes em se prepararem e terem mais informações quanto a este assunto.

Por fim, apontamos para a necessidade de um trabalho sistemático, contínuo de formação continuada dos professores em sexualidade, o qual pode ser profícuo para mitigar os preconceitos de gênero que insistem em persistir na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARCE, A. O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 9-25, 2004.

BRASIL. **Lei 9.394, de 23 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional - Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Diário Oficial da União. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeira: usos e significados dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 23-40.

LEÃO, A.M.C.; REZENDE, E.O; RIBEIRO, P.R.M. Parâmetros Curriculares Nacionais: a repressão sexual contida na orientação sexual. In: SOUZA, C.B.G.; RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudo de educação, gênero e valores**. Araraquara: FCL-Unesp Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2008. p. 13-28.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 343f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 153-179.

MEYER, D.E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: vozes, 2003. p. 9-27.

NUNES, C.; SILVA, E. Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, J. C. (Org.). **Pesquisa em educação**: História, Filosofia e Temas transversais. Campinas: Autores Associados/Histedbr; Caçador, Unc, 1999. p. 161-77.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem de sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.2, n. 20, p. 71-99, Jul/Dez, 1995.

SOUZA, F.C. **Meninos e meninas**: um encontro possível? Porto Alegre: Zouk, 2006.